

GUERRA NA EUROPA

RÚSSIA DIZ QUE NÃO QUER OCUPAR UCRÂNIA NEM DERRUBAR GOVERNO

ACENO OCORRE NA VÉSPERA DE REUNIÃO

O sobjetivos da Rússia em sua invasão militar da Ucrânia não incluem derrubar o governo nem ocupar o país, disse a porta-voz do Ministério das Relações Exteriores russo, Maria Zakharova, ontem, véspera do encontro entre os chanceleres dos dois países, que deverá acontecer hoje na Turquia. —[O objetivo do Exército] não é ocupação da Ucrânia ou a destruição de seu Estado ou a derrubada do governo. Não é dirigido contra a população civil — disse Zakharova em entrevista coletiva.

A porta-voz da Chancelaria afirmou que Moscou alcançará seu objetivo de impor um status neutro à Ucrânia — o que significa que o país não poderia entrar para a Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), a ali-

ança militar ocidental comandada pelos EUA — e que espera fazer isso por meio de negociações. Ela afirmou que “houve algum progresso” nas negociações até agora, mas espera mais avanços nas próximas rodadas. —Paralelamente à operação militar especial [nome que as autoridades russas usam para referir-se à invasão da Ucrânia] também acontecem negociações com a parte ucraniana para acabar o quanto antes com o banho de sangue sem sentido e a resistência das Forças Armadas ucranianas. Alguns progressos foram feitos — afirmou Zakharova.

‘EXPECTATIVAS BAIXAS’ Enquanto isso, o Kremlin informou que o presidente Vladimir Putin conversou com o chanceler alemão, Olaf Scholz, sobre os “esforços diplomáticos” em curso. Hoje, está prevista uma reunião entre os chanceleres dos dois países, o russo Sergei Lavrov e o ucraniano Dmytro Kuleba, às margens de uma conferência internacional na Turquia. Ontem, Kuleba confirmou o encontro na Turquia e pediu que Lavrov atue “de boa-fé e não de uma perspectiva de propaganda”. —Mas digo francamente que minhas expectativas em relação a essas conversas são baixas. Estamos interessados em um cessar-fogo, e o terceiro ponto é resolver as questões humanitárias — afirmou em vídeo.

Naterça-feira, o presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, disse em entrevista à TV americana ABC que “morderá” a demanda do país de entrar na Otan e que está disposto a chegar a um “compromisso” sobre os territórios separatistas pró-Rússia no Leste ucraniano.

Em entrevista à agência Bloomberg ontem, Ihor Jovkva, vice-chefe de gabinete de Zelensky, afirmou que a Ucrânia está aberta a discutir a exigência de neutralidade da Rússia desde que receba garantias de segurança, mas não cederá “um só centímetro” de território. —Certamente, estamos prontos para uma solução diplomática — disse Jovkva.

Já o presidente turco, Recep Tayyip Erdogan, afirmou que “a Turquia pode conversar com a Rússia e a Ucrânia ao mesmo tempo”. —Estamos trabalhando para evitar que a crise se transforme em tragédia — disse.

Um país neutro — status que a Rússia exige da Ucrânia — é um Estado que se mantém à parte de conflitos e evita entrar em alianças militares como a Otan. O termo, no entanto, é ambíguo, e diferentes países interpretam a neutralidade de forma distinta. Alguns são desmilitarizados, como a Costa Rica, enquanto outros, como a Suíça, seguem a “neutralidade armada” e têm Forças Armadas para autodefesa.

2,2 MILHÕES DE REFUGIADOS Autoridades ucranianas e russas já fizeram três rodadas de negociações na fronteira entre Bielorrússia e Polónia para conversar sobre o fim dos combates. A porta-voz Zakharova disse que outra rodada será focada em corredores humanitários para retirar civis. Ontem, Kiev e Moscou concordaram em criar rotas de fuga a partir de seis cidades. Desde o fim de semana, iniciativas semelhantes tiveram sucesso apenas parcialmente.

Zakharova afirmou que cerca de dois milhões de ucranianos querem fugir para a Rússia. Ontem, o Ministério de Defesa russo disse que 180 mil pessoas foram retiradas da Ucrânia para a Rússia desde o início da invasão, em 24 de fevereiro.

A agência de refugiados da ONU, Acnur, estimou ontem que o número total de refugiados da Ucrânia em até 2,2 milhões, um crescimento de 200 mil pessoas em comparação à véspera. Durante o briefing, Zakharova acusou as autoridades de Kiev de bloquear os esforços para remover civis das cidades sob cerco russo. Sem apresentar provas, Zakharova também acusou os Estados Unidos de conduzir um programa biológico militar na Ucrânia envolvendo patógenos mortais, incluindo peste e antraz. Esta tem sido uma crescente denúncia de Moscou, que é negada por Kiev e que um porta-voz do Pentágono descreveu como absurda.

Zakharova afirmou que cerca de dois milhões de ucranianos querem fugir para a Rússia. Ontem, o Ministério de Defesa russo disse que 180 mil pessoas foram retiradas da Ucrânia para a Rússia desde o início da invasão, em 24 de fevereiro.

A agência de refugiados da ONU, Acnur, estimou ontem que o número total de refugiados da Ucrânia em até 2,2 milhões, um crescimento de 200 mil pessoas em comparação à véspera. Durante o briefing, Zakharova acusou as autoridades de Kiev de bloquear os esforços para remover civis das cidades sob cerco russo. Sem apresentar provas, Zakharova também acusou os Estados Unidos de conduzir um programa biológico militar na Ucrânia envolvendo patógenos mortais, incluindo peste e antraz. Esta tem sido uma crescente denúncia de Moscou, que é negada por Kiev e que um porta-voz do Pentágono descreveu como absurda.

Zakharova afirmou que cerca de dois milhões de ucranianos querem fugir para a Rússia. Ontem, o Ministério de Defesa russo disse que 180 mil pessoas foram retiradas da Ucrânia para a Rússia desde o início da invasão, em 24 de fevereiro.



Sem lugar seguro. Uma pessoa é carregada para fora de um hospital infantil bombardeado pelos russos em Mariupol, no Sul da Ucrânia, enquanto outras deixam o prédio da unidade de saúde: Vaticano classificou o ataque de “inaceitável”

Bombardeio atinge hospital infantil em Mariupol e fere 17

Moscou alega que havia posições de combate ucranianas na unidade de saúde

O governo ucraniano acusou ontem a Rússia de lançar um ataque aéreo que danificou um hospital infantil e maternidade na cidade portuária de Mariupol, no Sul do país, deixando pacientes sob escombros e ferindo mulheres em trabalho de parto. A Rússia, por sua vez, rebateu alegando que a Ucrânia instalou posições de combate no hospital.

O ataque, que o presi-

dente ucraniano, Volodymyr Zelensky, chamou de “atrocidade” no Twitter, aconteceu apesar de um acordo de cessar-fogo parcial para permitir a fuga de milhares de civis da cidade, onde, segundo a Cruz Vermelha, as condições são “apocalípticas”.

O governador da região de Donetsk afirmou que, segundo informações preliminares, ao menos 17 adultos ficaram feridos, alguns em estado grave. A porta-voz do Kremlin, Dmitry

Peskov, afirmou que “as forças russas não atacam alvos civis”. A Casa Branca denunciou o uso “bárbaro” da força contra civis na cidade de Mariupol. O Vaticano também condenou fortemente o ataque ao hospital. —Bombardear um hospital é inaceitável. Não há razões ou motivações para fazer isso — afirmou o secretário de Estado, o cardeal Pietro Parolin.

‘ATAQUES INDISCRIMINADOS’ O ministro de Relações Exteriores da Ucrânia, Dmytro Kuleba, acusou a Rússia de romper o cessar-fogo que permitiria a saída de milhares de civis da cidade portuária, que fica entre áreas separatistas pró-Moscou no Leste da Ucrânia e a Crimeia, anexada pela Rússia

em 2014. Por sua vez, o Ministério da Defesa da Rússia culpou a Ucrânia pelo fracasso na retirada. “A Rússia continua mantendo como reféns mais de 400 mil pessoas em Mariupol, bloqueando auxílio humanitário e a retirada. Ataques indiscriminados continuam”, escreveu Kuleba no Twitter. “Quase 3.000 recém-nascidos não têm remédios e alimentos.”

Autoridades locais dizem que alguns civis deixaram várias cidades ucranianas por meio de corredores humanitários, incluindo para fora de Sumy, no Leste, e Enerhodar, no Sul, mas que as forças russas estão impedindo que ônibus retirem moradores de Bucha, cidade nos arredores da capital, Kiev. Segundo a Ucrânia, 67 cri-

anças foram mortas em todo o país desde o início da invasão, em 24 de fevereiro, e mais de 1.200 civis teriam sido mortos em apenas em Mariupol. Não é possível confirmar os números de forma independente, mas imagens de satélite mostram danos extensos a casas, blocos de apartamentos, mercados e shopping centers na cidade.

Após os relatos de destruição no hospital em Mariupol, o porta-voz da ONU, Stéphane Dujarric, reagiu afirmando que nenhuma unidade de saúde “deve ser alvo”.

A ONU e a Organização Mundial da Saúde exigem “o fim imediato dos ataques a instalações de saúde, hospitais, profissionais de saúde, ambulâncias”, disse Dujarric durante sua coletiva de imprensa diária.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Mundo **Página:** 16